

ESTILO.

*Sílvia Faustino de Assis Saes*¹.

Do latim *stilu(m)*, ponteiro de ferro com o qual se escrevia em tábuas enceradas, o termo veio a significar, desde a antiguidade greco-latina, o modo específico de escrever. Na Retórica antiga, os estilos eram classificados como gêneros de elocução em correspondência com as intenções de instruir, agradar ou comover. Expandido, o termo passa a caracterizar o modo de expressão de época, movimento artístico, gênero, obra e autor. A partir do séc. XVIII, passa a designar expressão direta do caráter humano, da subjetividade profunda e da individualidade das concepções.

Nas *Reflexionen zur Logik*, Kant concebe ‘estilo’ como “o modo de expressão” ou “exposição” dos pensamentos, que se distingue do “modo de conexão” dos mesmos (*Refl.* AA 16: 785). O estilo também é distinto da “correção linguística” (AA 16: 815), e ligado ao “falar bem” [*Wohlredenheit*] (*Refl.* AA 16: 815). Tais observações indicam que o estilo não determina a articulação interna dos conteúdos e por isso mesmo não se estabelece como critério de correção das expressões; isso está de acordo com a ideia de que se pode dizer a mesma coisa de modos diferentes. Destaca-se a importância do estilo quanto ao modo de tornar os pensamentos conformes às “condições subjetivas” de sua “comunicação” (*Refl.* AA 16: 832), sendo o ato de “estilizar” assimilado ao de “afetar” uma outra pessoa (AA 16: 832) acerca de algo: para nós mesmos, não necessitamos de estilo (*Refl.* AA 16: 831). Na medida em que serve à “indicação” do nosso pensamento aos outros, o estilo é tão relevante para a sua comunicação quanto o método é para a formação dos mesmos (*Refl.* AA 16: 831).

Nas *Reflexionen zur Anthropologie*, embora se mantenha associado à linguagem (*Refl.* AA 15: 371), à eloquência (*Refl.* AA 15: 412 e 708), e ao falar bem (*Refl.* AA 15: 026), o termo ‘estilo’ aparece com outras conotações, mas sem qualquer explicitação do seu significado. Fala-se de um estilo “vivo ou florido”, e de um estilo “oriental”, considerado ora como “grandiloquente” (*Refl.* AA 15: 026) ora como “entusiasta ou rico em imagens” (*Refl.* AA 15: 186). Nos *Vorkritische Schriften*, Kant avalia desfavoravelmente o estilo “plano” (*TG* AA II: 360) e também aquele que logo “cai em galimatias” (*GSE* AA II: 224), isto é, censura tanto a monotonia quanto a

verborragia no estilo de certos autores. O emprego do termo é no geral bastante solto e parece contar com uma espécie de senso comum em torno do seu significado, e mesmo quando o contexto oferece possibilidades de uma interpretação mais precisa, ainda assim, não se pode falar de uma visão unificada do conceito. É o que ocorre, por ex., nas *Reflexionen zur Anthropologie*, em que o termo é usado no contexto em que Kant alude ao prazer que se tem quando algo, obscuro à reflexão, de repente, se revela. “Estilo” parece ali indicar uma espécie de talento ou capacidade de gênio: o poder mostrar aquilo que se oculta, como acontece em relação a certa “beleza”, que deve ser “inexprimível”, assim como ocorre com alguns de nossos pensamentos que nem sempre podem ser ditos (*Refl. AA 15: 066*). A poesia que contém “a maior perfeição interna” e a maior “conformidade a fins” que impulsiona a mente, possui eloquência e estilo (*Refl. AA 15: 708*). Enquanto elemento vivificador da mente o estilo também aparece ligado ao “jogo dos conceitos”, tal como a poesia se liga ao jogo das imagens, e a música ao das impressões (*Refl. AA 15: 358*). Enquanto o gênio se mostra na invenção, e o artista na elaboração diligente e regular, o “virtuoso” se mostra no estilo ou maneira (*Refl. AA 15: 361*). Por outro lado, o estilo pertence “à prática e ao procedimento” (*Refl. AA 15: 369*), e também pode provir da imitação (*Refl. AA 15: 370*). O problema da instabilidade semântica do conceito não diz respeito apenas ao uso kantiano do termo, pois em todos os estudos sobre o estilo é consenso tratar-se de uma noção oscilante, em constante transformação e muitas vezes usada como sinônimo de “maneira”, como o próprio Kant chegou a usar algumas vezes (conforme acima, em *Refl. AA 15: 361*; e também em *Refl. AA 15: 098*). A distinção entre “estilo” e “maneira” foi desenvolvida por J. W. Goethe, em 1789, numa perspectiva segundo a qual o “estilo”, acima da “maneira”, representa o grau supremo da arte para o artista. Seguindo ainda a concepção da arte como imitação da natureza, Goethe estabelece que o estilo repousa sobre o estudo atento e profundo dos próprios objetos e, numa linguagem universal (inalcançável no círculo da maneira), consegue expressar a essência das coisas em formas visíveis e apreensíveis.

Na *Crítica da Faculdade de Julgar*, publicada um ano após o ensaio de Goethe, o termo ‘estilo’, além de permanecer conectado ao “mero falar bem” (*KU AA 5: 327*), ganha uma nova expansão, ao ser empregado na explicitação do conceito de “simplicidade”. Entendida como um tipo de “conformidade a fins sem artifício [*Kunst*]”, a simplicidade é “como que o estilo da natureza no sublime, e assim também da moralidade, que é uma segunda natureza (suprassensível), da qual conhecemos somente as leis sem a faculdade suprassensível em nós próprios poder alcançar por intuição aquilo que contém o fundamento dessa legislação” (*KU AA 5:275*). O estilo da natureza no sublime seria aquele que nada contém de artificial, isso se reflete na concepção de que o sentimento do sublime não se produz como uma afetação, ou estado de exacerbada exaltação, passível de conduzir o ânimo ao delírio. Do mesmo modo, o estilo da moralidade, que habita a ordem do suprassensível, não deve ser imposto por nenhum artifício, astúcia ou disfarce, mas deve ser tão natural ao hábito ou atitude como uma segunda natureza. O estilo vinculado ao sentimento do sublime e ao sentimento moral parece dever preservar a simplicidade do caráter subjetivo racional. Interpretado assim, como favorecendo a expansão subjetiva do conceito, pode-se dizer que Kant se afina inteiramente com a concepção moderna e romântica da noção de estilo que, desde o século XVIII, passa a significar a atitude e o caráter

humanos. Assim como Buffon havia dito que “o estilo é o próprio homem”, Novalis também diz que “o estilo é a imagem do caráter”.

RESUMO: O verbete visa a elucidar os distintos modos pelos quais Kant apresenta o conceito de estilo. Concebido como modo de expressão dos pensamentos associado à linguagem, à eloquência e às condições subjetivas da comunicação, o conceito de estilo também aparecerá vinculado aos temas do gênio artístico e à simplicidade no sentimento do sublime.

PALAVRAS-CHAVE: Estilo; Kant; Arte.

ABSTRACT: The article aims to clarify the distinct ways through which Kant presents the concept of style. Designed as a way to express thinking associated to language, eloquence and the subjective conditions of communication, the concept of style also appears linked to the topics of artistic genius and simplicity in the feeling of the sublime.

KEYWORDS: Style; Kant; Art.

REFERÊNCIAS / REFERENCES

- KANT, I. *Reflexionen zur Logik [Refl.]*. In: _____. *Gesammelte Schriften*, ed. Akademie der Wissenschaften, Bd. 16. Berlim, 1900.
- _____. *Reflexionen zur Anthropologie [Refl.]*. In: _____. *Gesammelte Schriften*, ed. Akademie der Wissenschaften, Bd. 15. Berlim, 1900.
- _____. *Vorkritische Schriften [GSE, TG]*. In: _____. *Gesammelte Schriften*, ed. Akademie der Wissenschaften, Bd. 2. Berlim, 1900.
- _____. *Kritik der Urteilskraft [KU]*. In: _____. *Gesammelte Schriften*, ed. Akademie der Wissenschaften, Bd. 5. Berlim, 1900.
- _____. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. Valerio Rohden e António Marques. RJ: Forense Universitária, 1993.
- GOETHE. „Imitação simples da natureza, maneira, estilo“. In *Escritos sobre a arte*. Trad. Marco Aurélio Werle, SP: Humanitas/Imprensa Oficial, 2008, pp. 67-72.
- GRIMM Jacob und Wilhelm. „Stil“. In: *Deutsches Wörterbuch. (on line)*.

NOTAS / NOTES

¹ Sílvia Faustino de Assis Saes é professora de Filosofia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fez mestrado e doutorado em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado na Humboldt-Universität, de Berlim. Atua na intersecção entre estética e filosofia da linguagem, dedicando-se aos fundamentos filosóficos das retóricas e das poéticas, em diversos autores.

Sílvia Faustino de Assis Saes is a philosophy professor at the Federal University of Bahia (UFBA). She took a Master's and doctorate in philosophy at the University of São Paulo (USP) and was a post-doctoral scholar at Humboldt-Universität in Berlin. She works on the intersection between esthetics and the philosophy of language, dedicated to the philosophical foundations of rhetoric and poetics in various authors.

Recebido / Received: 7.8.2018.

Aprovado / Approved: 28.9.2018.

